Memórias e formas urbanas: a reconstrução do núcleo urbano de São Luiz do Paraitinga e a preservação do seu patrimônio cultural

Carlos Murilo Prado Santos

muriloslp@gmail.com.br

Resumo

O artigo em questão faz uma análise do processo de reconstrução do centro urbano de São Luiz do Paraitinga, tomando a reconstrução a partir da produção dos espaços da cidade em sua totalidade. Fundada em 1769, São Luiz do Paraitinga possui um significativo conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN e pelo CONDEPHAAT, composto por imóveis que remontam aos séculos XIX e início do XX e uma série de manifestações culturais que remetem à memória do caipira paulista. Localizada na Serra do Mar, a cidade teve seu centro histórico inundado pelas águas do Rio Paraitinga em janeiro de 2010, o que levou à destruição de uma série de imóveis e bens tombados localizados nas partes baixas de seu centro urbano. Partindo de uma leitura espacial após sete anos de reconstrução, realizamos aqui alguns apontamentos a respeito dos métodos e técnicas adotados pelos órgãos de preservação brasileiros na cidade e os impactos no processo de produção do espaço local.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: São Luiz do Paraitinga, reconstrução; patrimônio cultural; preservação; produção do espaço.

Desconstruindo e reconstruindo o centro urbano de São Luiz do Paraitinga

Fundada em 1769, São Luiz do Paraitinga tem sua evolução histórica e urbana atrelada à economia regional. Estando localizada na região do Alto Vale do Paraíba (Figura 1), o município passou por um expressivo desenvolvimento urbano com a introdução da economia do café no Vale do Paraíba do Sul. Após um período de significativo desenvolvimento socioeconômico nos séculos XIX e início do século XX, o município passou por pequenos surtos econômicos, como a extração de lenha, na década de 1960, e a produção de leite, nas décadas de 1970 e 1980, quando então a economia da cidade entrou em decadência.

Figura 1: Localização do Vale do Paraíba do Sul Paulista e de São Luiz do Paraitinga



Fonte: Dados locacionais – IBGE, 2010.

Com uma população estimada em 10.735 habitantes pelo IBGE (2016) e uma economia inexpressiva, a estagnação econômica do município possibilitou a preservação de grande parte de suas práticas culturais e de um conjunto arquitetônico composto por edifícios dos séculos XIX e início do XX, período que marcou profundamente a organização espacial regional e deu origem a uma paisagem que, hoje, perfaz o patrimônio cultural do lugar. O conjunto

arquitetônico local foi tombado em 1982 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT) e, em 2010, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Com um significativo patrimônio cultural, desde meados da década de 1990 a governança urbana local vem trabalhando para implantar e desenvolver o turismo no município, onde se sobressai um turismo cultural apoiado na memória da cafeicultura e do caipira, expressa em sua paisagem urbana. Esse fato foi institucionalizado com a elevação da cidade à condição de Estância Turística do Estado de São Paulo em 2002[1]. Atrelando o conjunto arquitetônico tombado às manifestações culturais, suas paisagens são os principais atrativos para o turismo (SANTOS, 2006).

A elevação da cidade à condição de estância turística desencadeou um processo de "urbanização turística" (PAES, 2000)[2] e grande parte das intervenções urbanas que se deram (e se dão) na cidade é ligada – direta ou indiretamente – à implantação das atividades do turismo, deixando no plano secundário obras fundamentais para a preservação da infraestrutura urbana em sua totalidade. Destaque deve ser dado para a ocupação desordenada das áreas de encostas e das margens do Rio Paraitinga, situação que gera problemas na cidade desde sua fundação, em função das constantes inundações desse curso d'água.

Por conta de uma expansão urbana desordenada e por estar em uma área de relevo acidentado, a maior parte do centro urbano de São Luiz do Paraitinga está localizada em um fundo de vale e, em janeiro de 2010, a elevação das águas do Rio Paraitinga inundou toda a parte baixa da cidade. A bacia do mencionado rio está inserida na porção ocidental da Serra do Mar, área que sofreu um grande desmatamento em função do aproveitamento agropecuário, deixando os solos da

1 Em julho de 2002, a cidade foi classificada como Estância Turística do Estado de São Paulo, passando a receber uma verba anual oriunda do Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias (DADE), órgão ligado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Assim, deu-se início a um intenso processo de reforma dos equipamentos urbanos do município, principalmente os existentes no centro histórico. Atualmente, esta verba é liberada mediante a apresentação de projetos para a execução de obras de infraestrutura destinadas ao desenvolvimento turístico do município.

2 De acordo com Paes (2000, p. 108) "(...) a urbanização turística coloca as cidades no mercado de paisagens naturais e artificiais. Algumas cidades chegam a definir toda sua vida econômica em função do desenvolvimento turístico, reorganizando-se para produzir paisagens atrativas para o consumo e para o lazer. (...) As regiões, as cidades, os lugares turísticos vestem-se de novas materialidades: galerias, shopping centers, edificações, condomínios fechados, infraestrutura viária e uma infinidade de objetos e serviços especializados para o turismo".

região bastante desprotegidos e com pouca capacidade de retenção das águas das chuvas, aumentando o escoamento superficial e a intensidade das cheias[3].

O grande volume das chuvas que ocorreram durante o verão de 2009/2010 gerou um aumento significativo nos índices pluviométricos na bacia do Rio Paraitinga, com destaque para o mês de dezembro de 2009[4]. Após um mês de chuvas fortes, no dia 01 de janeiro de 2010 o Rio Paraitinga estava com um volume de água 11 metros acima do seu nível normal (Figura 2). A conjunção de fatores sociais e naturais decorrentes da localização de grande parte do núcleo urbano na planície de inundação do rio fez com que a cidade sofresse a maior inundação registrada do município.

As áreas do centro urbano atingidas pela inundação foram afetadas por escorregamentos e desabamentos advindos do deslizamento do solo nas partes de topografia com maiores declividades, localizadas no Morro do Cruzeiro e em demais elevações que contornam a cidade. Nas áreas de encostas destas, houve a formação de vários pontos de instabilidade, com desmoronamentos, abatimentos e trincas no terreno e nas edificações.

Figura 2: Centro histórico submerso nas águas do Rio Paraitinga.



Foto: Carlos Murilo Prado Santos, 2010.

3 Estando a altitudes que vão de 800 a 1200 metros, é uma região incrustada no Cinturão Orogênico do Atlântico, um relevo formado por morros alongados de topos convexos com declividades que variam entre 20 e 30%, com vales entalhados entre estes morros. Área com alta densidade de drenagem, é uma região sujeita a processos erosivos de forte intensidade, apresentando grande probabilidade de ocorrência de movimentos de massa e de erosão linear com voçorocas (ROSS e MOROZ, 1997).

4 De acordo com os dados pluviométricos divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) relacionados ao período, no dia 4 de dezembro de 2009 o índice de chuvas acumulado em 72 horas na região foi de 232,7 mm; no dia 31 de dezembro, o índice acumulado no mês atingiu 624,8 mm, um percentual 50% maior do que a média regional, visto que a média anual da bacia do Paraitinga gira em torno de 1200 mm.

De acordo com dados do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) (GOMES e GRAMANI, 2010) e do CONDEPHAAT (2010), 800 moradias foram consideradas localizadas em áreas de risco; 97 moradias foram totalmente destruídas; 134 moradias, 6 edifícios públicos, 225 estabelecimentos comerciais e 220 quilômetros de estradas e vias urbanas foram danificados, com estimativas de um prejuízo de R$ 141 milhões. 80 pontes foram totalmente destruídas e 5.163 pessoas foram afetadas, ocorrendo 1 óbito entre a população local (Figura 3).

Figura 3: Centro histórico de São Luiz do Paraitinga após a vazão do rio



Fonte: GOMES e GRAMANI, 2010.

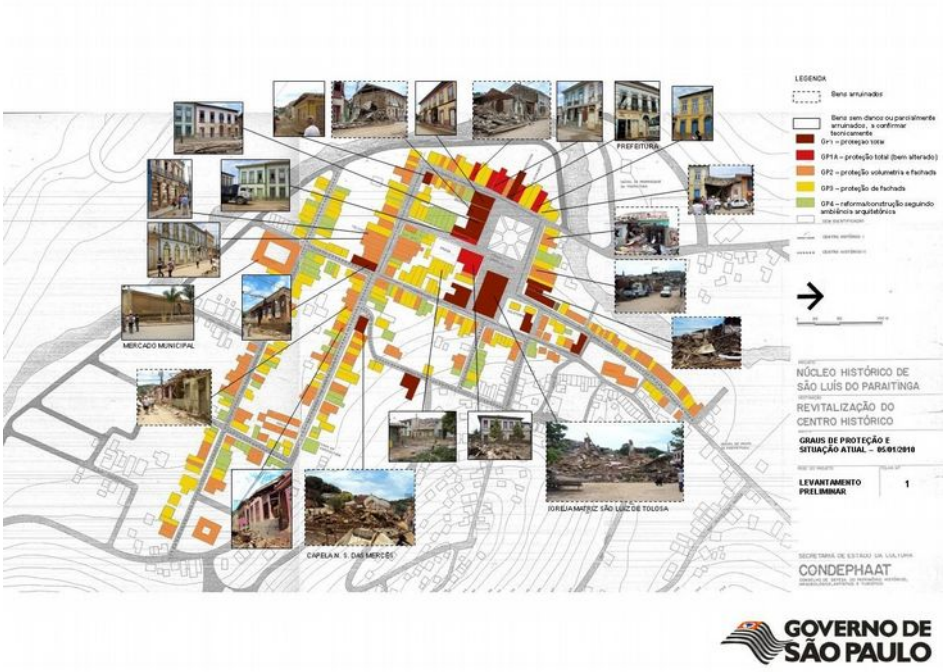
Dentre os imóveis considerados como patrimônio histórico arquitetônico da cidade, muitos foram atingidos pelas águas do Paraitinga, visto que a maioria deles está nas partes mais baixas da cidade. Dos 140 imóveis localizados no perímetro tombado, 18 tiveram perda total, com o arruinamento das edificações, e 32 tiveram perda parcial, com danos nas paredes externas e internas, na cobertura e na fachada principal (Figura 4).

Devido ao estado precário de conservação de grande parte dos imóveis tombados e a algumas intervenções urbanas realizadas na cidade, alguns deles sucumbiram, alterando consideravelmente a paisagem do centro histórico. A falta de planejamento para a expansão urbana da cidade dificultou a preservação do

entorno do centro histórico. A ocupação nas áreas de encostas encurralou o Rio Paraitinga, afunilando seu leito e solapando suas margens.

Com a vazão do Rio Paraitinga, a cidade e o seu núcleo histórico foram significativamente avariados, sendo destruídas grande parte de suas redes de coleta e distribuição de água, de distribuição de energia e de transmissão de sinais e dados nas partes baixas da cidade. As materialidades presentes no centro urbano foram fortemente afetadas, deixando um grande prejuízo financeiro e social para o município, associado a uma grande destruição da paisagem da cidade e de seu conjunto arquitetônico que deveria ser preservado.

Figura 4: Imóveis arruinados no centro histórico pela inundação de 2010.



Fonte: CONDEPHAAT, 2010.

Foi perdido, também, um grande acervo iconográfico sobre a cidade e sobre as pessoas do lugar, pois muitos arquivos pessoais que continham fotos, vídeos, obras artísticas, composições musicais e coleções fonográficas, documentos históricos e mobiliários se perderam nas águas do Paraitinga, ocasionando uma grande perda para a memória do lugar. Ocorreu uma desconstrução do passado da cidade, com a destruição das materialidades e das imaterialidades espaciais que sustentam e servem de base para a construção da identidade e da memória local. Aceitando que "as transformações nas formas das cidades impõem transformações

nos tempos da vida e nos modos de apropriação dos lugares através de mudanças nos usos" (CARLOS, 2007, p.45), a reconstrução do centro urbano local abre espaço para a reconstrução da memória perdida bruscamente com a tragédia.

Após passar por uma significativa destruição, desde janeiro de 2010 o centro urbano local vem sendo reconstruído e reproduzido, sendo suas materialidades cópias dos bens que foram destruídos e avariados. Tenta-se reproduzir a mesma paisagem de antes da inundação. Imediatamente após a vazão do rio, foram iniciadas as obras de reconstrução da cidade, dando início a um processo de modernização do passado[5]. Com as obras de reconstrução e a renovação da estrutura urbana, a cidade vem retomando o seu ritmo cotidiano, adaptando-se às mudanças na paisagem do centro urbano e a um rearranjo nas sociabilidades que se davam no lugar.

A reconstrução do centro urbano e a preservação do patrimônio cultural

Seguindo uma tendência contemporânea que vem prevalecendo na reconstrução de centros urbanos, pautada na valorização estética do patrimônio histórico e arquitetônico, na reconstrução do centro urbano de São Luiz do Paraitinga as instituições de preservação preocuparam-se com a manutenção das materialidades aparentes que compõem sua paisagem. No processo de reconstrução da cidade, deu-se maior atenção para as materialidades do que aos seus usos sociais, mascarando-se conflitos políticos e lutas travadas na produção cotidiana do lugar.

Para Motta (2000), ao adquirir um novo valor simbólico capitalizado pelo mercado de consumo, o patrimônio passa a ser vulgarizado em sua dimensão simbólica, reforçando as intervenções do ponto de vista estético e de apelo visual na produção de cenários sacralizados para o consumo. Como aponta Zukin (1996), a fetichização do patrimônio e a sua refuncionalização dão origem a sítios de fantasias que substituem a realidade, despertando um processo que a autora chama de disneyficação do lugar – agora, um produto destinado à indústria cultural.

Tentando valorizar uma série de lugares para o desenvolvimento do turismo por meio da patrimonialização, ou institucionalização do patrimônio[6], todo o universo simbólico atrelado ao espaço urbano é transformado em função da seleção

5 Considera-se que existe uma modernização do passado à medida que são feitas intervenções, alterações e adaptações nos imóveis tombados e na própria infraestrutura urbana do município para satisfazer as necessidades do período atual, como, por exemplo, a colocação de elevadores e sistemas de sonorização computadorizados na parte interna da Igreja Matriz de São Luiz de Tolosa, assim como a construção de uma nova praça central adaptada para o recebimento de grandes eventos. Desse modo, o passado enquanto forma vai sendo modernizado para assumir novas funções.

e mesmo das intervenções realizadas no sítio histórico, processo que pode, inclusive, suprimir inúmeras sociabilidades tradicionais em prol daquelas valorizadas pelos interesses do mercado turístico.

Jeudy (2005) aponta que, para evitar a criação de simulacros urbanos nas áreas patrimonializadas, a cidade deve ser pensada enquanto um espaço do cidadão e da prática da cidadania, onde

> "(...) uma cidade não serve apenas de cenário (...), ela é um território de confronto de olhares, um campo de batalhas de percepções e sensações, mesmo que sua conservação patrimonial tenha trazido todos os signos de uma pacificação mórbida" (p. 115).

As cidades patrimonializadas passaram a produzir simulacros urbanos compostos de símbolos valorizados pelo turismo, mas que fazem pouco sentido para a população do lugar, em um processo de perda ou reconstrução das identidades.

Destaca-se que a governança urbana atual vem cumprindo um papel de destaque na cenarização de muitas cidades brasileiras. Com uma lógica empreendedorista, muitos vêm tomando a cidade como um negócio que deve primar pela eficiência econômica. Para Carlos (2011, p. 296-298),

> "(...) as renovações urbanas apontam, por exemplo, uma forma de se cooptar a cultura, subsumindo-a ao mundo da mercadoria para alavancar o processo de transformação espacial como momento da acumulação. (...) O que se vende é a cidade, bem como, um modo de gestão da cidade como uma empresa".

Com a associação entre a preservação e o desenvolvimento urbano e econômico, a governança urbana cria e recria os lugares, correndo o risco de, ao fundir o simbólico e o concreto, dar origem a um processo de "construção destrutiva" (COSTA e SCARLATO, 2008). Para conciliar a reconstrução com a

6 A partir da análise da dinâmica espacial de um pequeno núcleo urbano, aponta-se que o processo de patrimonialização passa por três etapas. A primeira etapa consiste na institucionalização do patrimônio por meio do tombamento e da valorização do espaço construído, processo desencadeado pelo Estado. Na segunda etapa, estes espaços passam a sofrer intervenções materiais que visam adaptá-los e torná-los atrativos, numa ação também realizada pelo Estado. Finalmente, na terceira etapa, ocorre a implantação das atividades do setor turístico e do entretenimento, colocando este patrimônio à mercê das demandas, valores e regulações do mercado. Destaca-se que o objetivo da patrimonialização é a preservação dos bens tombados, porém, com a ausência de uma política mais efetiva de preservação no Brasil, estas áreas passam a ser produzidas e reproduzidas sob os ditames mercadológicos, processo que coloca em risco a própria preservação e segrega as populações locais (SANTOS, 2015).

preservação do patrimônio cultural, é essencial pensar a cidade em sua totalidade e não de forma fragmentada, de modo que, assim, a reconstrução não gere a perda das referências territoriais e identitárias do lugar, mas que a preservação do patrimônio cultural possa servir também como uma ferramenta para o exercício da cidadania.

A partir de uma leitura espacial, após o início da reconstrução do núcleo urbano de São Luiz do Paraitinga, alguns apontamentos e reflexões podem ser feitos sobre a atuação dos órgãos responsáveis e a preservação do patrimônio cultural, tema que trataremos a seguir.

A reconstrução de São Luiz do Paraitinga

O conjunto histórico arquitetônico de São Luiz do Paraitinga, um dos maiores do estado de São Paulo e, em grande parte, construído por meio de técnicas tradicionais, com o uso de taipas e barro, foi dado como perdido em janeiro de 2010, após a inundação. Possui valor maior do que a sua materialidade de *pedra e cal*. O seu valor simbólico foi sentido por sua população, assim como o seu valor político ganhou visibilidade na imprensa nacional. Nesse sentido, Paes (2011, p.31) se pergunta:

> (...) qual o valor desse patrimônio arquitetônico para a memória de sua população, dessa região, ou mesmo para o país, tendo em vista que, mesmo após o desmoronamento de inúmeras edificações do centro histórico, do comprometimento de inúmeras estruturas que, ainda sob o risco de novas inundações, não poderão mais ser reerguidas com os mesmos materiais, do comprometimento de inúmeras fachadas características da arquitetura colonial ou eclética, o centro histórico, que já estava em estudo de tombamento no período, foi tombado pelo IPHAN após quase um ano do acidente, em 09 de dezembro de 2010?

A reconstrução da cidade trouxe mudanças nos usos que se dão no perímetro histórico tombado do centro, destacando-se o esvaziamento e a diminuição de residências, com o deslocamento de pessoas para as áreas periféricas, visto que alguns imóveis localizados neste centro ainda se encontram interditados. Com este deslocamento de pessoas, os imóveis do centro histórico que foram reconstruídos ou "reformados" já estão tendo novos usos, agora destinados ao setor de serviços (Figura 5). Esse processo de esvaziamento é mais significativo nas partes baixas do centro histórico, como a Praça Oswaldo Cruz e seu entorno imediato, como as ruas Barão do Paraitinga e Coronel Domingues de Castro.

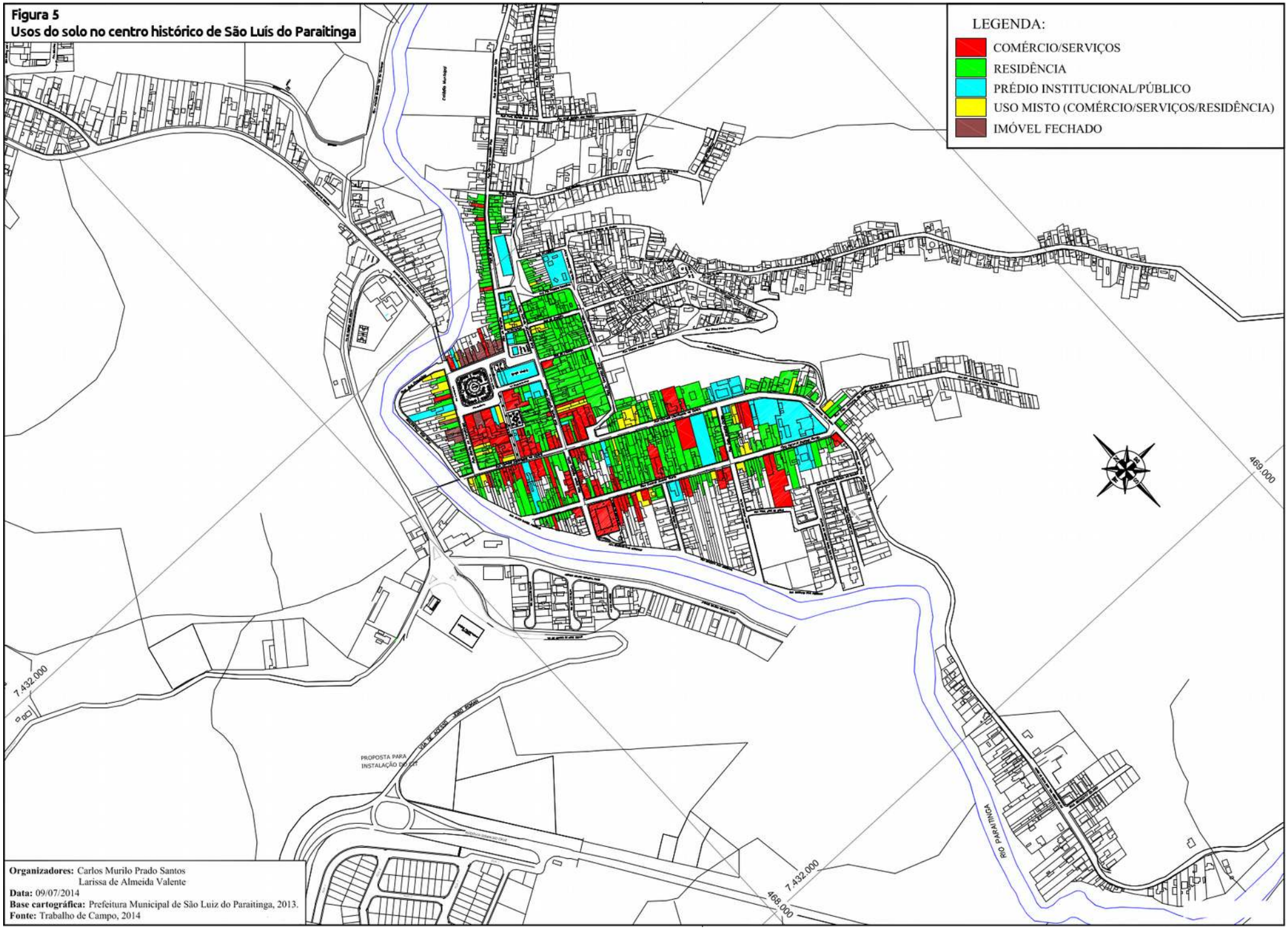
O esvaziamento é consequência imediata da inundação. Porém, pode ser apontado, também, como um resultado do endurecimento dos órgãos de preservação na aprovação de intervenções nos bens tombados, sejam o CONDEPHAAT ou o IPHAN, seja a Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, o que fez com que algumas famílias reconstruíssem suas vidas em outros lugares. Destaca-se também a falta de recursos dos proprietários dos bens interditados, o que vem incorrendo na venda desses imóveis.

Segundo entrevista realizada em trabalho de campo com a arquiteta Natália Moradei, ex-assessora de planejamento municipal, de fato vem ocorrendo um esvaziamento do centro histórico local, principalmente na Praça Oswaldo Cruz e seu entorno imediato. Para a arquiteta,

> esse processo está ocorrendo. Eu estive em 2011 em Iguape e foi exatamente essa sensação que eu tive quando eu visitei o centro. Fui em dia de semana, não tinha nada, foi uma diferença que eu senti em São Luiz. Pensei: 'São Luiz é uma cidade viva, as pessoas moram ali, as coisas acontecem na praça'. Eu não tinha pensado exatamente na influência dos órgãos de preservação e, realmente, durante minha passagem, eu vi que quanto mais restrições, mais as pessoas vão se afastando. Tem essa tendência sim, a especulação imobiliária também influencia; em função do próprio turismo, existe um glamour para morar no patrimônio e isso aumenta a pressão. Quem mora no centro acha que vai vender por preço alto e comprar uma casa melhor em outro lugar mais afastado do centro. Não sei exatamente de quem é a culpa, mas que está esvaziando, está.

Assim, vem sendo desenvolvida uma nova ordem espacial na cidade, hierarquizada a partir do centro histórico, visto que o poder público está reconstruindo o centro urbano a partir desses espaços patrimonializados. Ao pensar a cidade em sua totalidade, torna-se de grande relevância para a dinâmica de preservação integrar a periferia imediata e distante desse centro.

Figura 5
Usos do solo no centro histórico de São Luís do Paraitinga



Organizadores: Carlos Murilo Prado Santos
Larissa de Almeida Valente
Data: 09/07/2014
Base cartográfica: Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2013.
Fonte: Trabalho de Campo, 2014

Em função da valorização e da preservação, as obras de melhorias na infraestrutura urbana se concentram nas áreas de maior interesse estético-paisagístico, sendo as áreas periféricas colocadas no plano secundário. Esse processo se acentua em locais onde o tombamento é pautado em diferentes graus de preservação, como é o caso do tombamento realizado pelo CONDEPHAAT[7], com diferentes normatizações quanto aos usos e gabaritos arquitetônicos, dividindo o Centro Histórico (CH) em CH-1 e CH-2[8]. Assim, pode-se afirmar que o próprio tombamento desencadeia uma fragmentação e uma hierarquização nos espaços das cidades, demonstrando a desarticulação entre os gestores urbanos e os órgãos de preservação.

Com relação à preservação da paisagem que emoldura o centro histórico, no tombamento realizado pelo IPHAN houve um avanço nesse sentido, à medida que houve um aumento no perímetro definido como centro histórico (Figura 6). No perímetro definido pelo IPHAN, foram inseridas as duas margens do Rio Paraitinga no centro urbano, assim como as encostas imediatamente em torno deste, ainda cobertas pela vegetação.

Destaca-se também, no tombamento realizado pelo IPHAN, a criação de uma área de preservação visual bastante ampla, destinada à proteção paisagística (Figura 7). Ao ter o patrimônio tombado pelo IPHAN, São Luiz do Paraitinga passou a fazer parte do Plano de Ação das Cidades Históricas (PAC-CH), projeto vinculado ao Ministério da Cultura que possibilitou ao IPHAN desenvolver ações de planejamento e disponibilizar auxílio técnico e recursos financeiros para a cidade[9]. Dentre as ações do IPHAN, deve ser destacada a criação da Casa do Patrimônio do Vale do Paraíba[10], com sede na cidade.

7 O CONDEPHAAT dividiu o Centro Histórico de São Luiz do Paraitinga em Centro Histórico I, uma área com regras mais rígidas quanto à preservação dos bens tombados, e o Centro Histórico II, uma área com regras mais brandas quanto à preservação dos imóveis. No tombamento do IPHAN, essa divisão não existe.

8 Para mais detalhes sobre o tombamento do centro histórico de São Luiz do Paraitinga, consultar Santos (2015).

9 Inicialmente foram desenvolvidas ações emergenciais com relação ao centro histórico local, destacando-se o Inventário de Referências Culturais de São Luiz do Paraitinga, trabalho realizado pela empresa Memórias, Assessorias e Projetos, já concluído e entregue para a Prefeitura Municipal em junho de 2012. A partir do IPHAN, a cidade foi inserida no Programa de Apoio e Folguedos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), projeto voltado à preservação das congadas e moçambiques brasileiros.

10 "As Casas do Patrimônio têm o intuito de ampliar os espaços de diálogo com a sociedade a partir da educação patrimonial. São o primeiro passo para transformar as sedes do IPHAN e instituições parceiras da sociedade civil em polos de referência sobre o patrimônio cultural, ampliando as práticas de preservação, sobretudo por meio de ações educacionais formais e não formais, em

Figura 6: Centro histórico definido pelo IPHAN no tombamento de 2010.



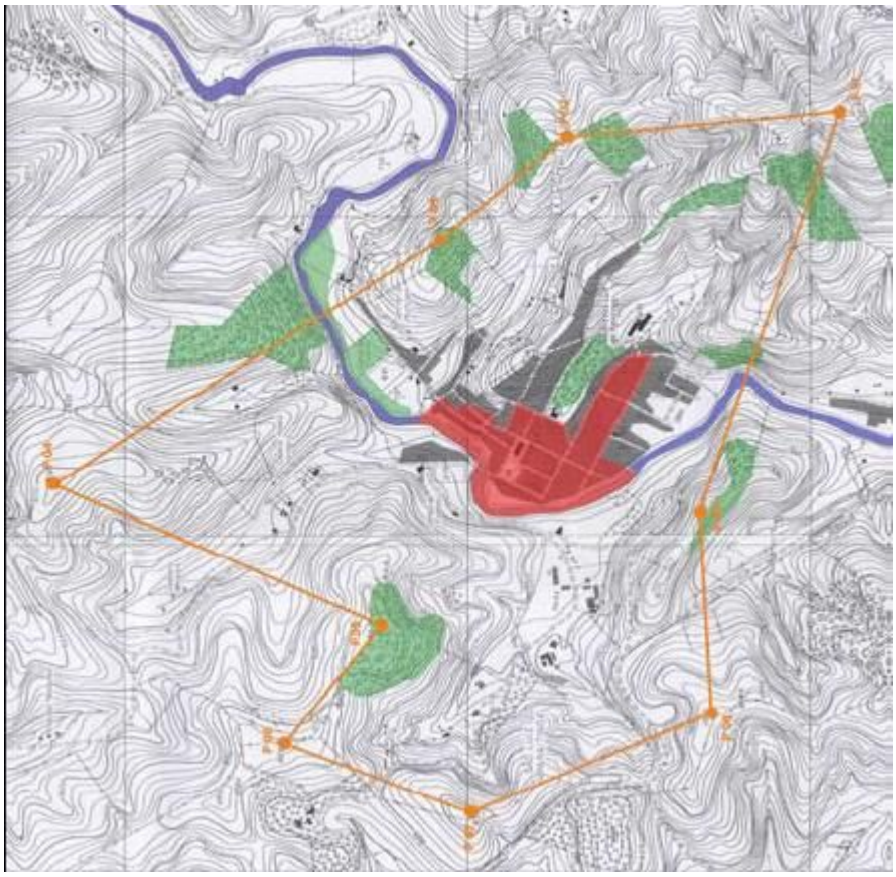
Fonte: Dossiê de Tombamento, IPHAN (2010).

Seguindo as tendências predominantes na preservação brasileira, na reconstrução dos imóveis presentes no centro histórico de São Luiz do Paraitinga está prevalecendo como regra determinante a preservação da volumetria e da fachada dos imóveis que foram degradados. Com relação às partes internas das construções deterioradas, os órgãos de preservação têm autorizado as mudanças propostas, desde que as mesmas não afetem a volumetria e a fachada do imóvel. Prevalece a lógica de preservação fachadista e paisagística.

É necessário apontar que pouco tem sido discutido com relação aos usos e funções que serão dadas aos imóveis após a reconstrução. Todos os projetos e obras realizadas com relação ao conjunto arquitetônico são voltados para conformação paisagística do centro histórico. Com relação ao patrimônio imaterial, as ações realizadas são tímidas, conforme colocado anteriormente.

parceria com escolas, agentes culturais, instituições educativas não formais e demais segmentos sociais e econômicos" (Disponível em: http://portal.iphan.gov.br).

Figura 7: Perímetro de preservação visual definido pelo IPHAN, em 2010.



Fonte: Dossiê de Tombamento, IPHAN (2010).

A morosidade dos órgãos de preservação também é um fator que tem dificultado os trabalhos de reconstrução, principalmente das obras realizadas nos imóveis particulares. Os pareceres e avaliações técnicas em alguns casos têm demorado consideravelmente e atrasado a reforma e a reconstrução de imóveis que apresentam problemas. Os proprietários de imóveis mais afetados têm questionado o grande volume de exigências técnicas e construtivas, fator que vem encarecendo as obras de reconstrução e reforma que vêm se dando no centro histórico.

Passados sete anos do início dos trabalhos de reconstrução, a estrutura urbana ainda não foi totalmente recuperada, especialmente a paisagem da Praça Oswaldo Cruz, que conta com a presença de imóveis caídos (hoje, terrenos vazios) e imóveis avariados – situação que tem mudado lentamente (Figura 9). Um casarão que forma o quadrilátero central na referida praça está caído e uma fileira de imóveis entre a praça e o leito do Rio Paraitinga também está destruída (Figura 8).

Figura 8: Vista parcial da cidade de São Luiz do Paraitinga em 2015.



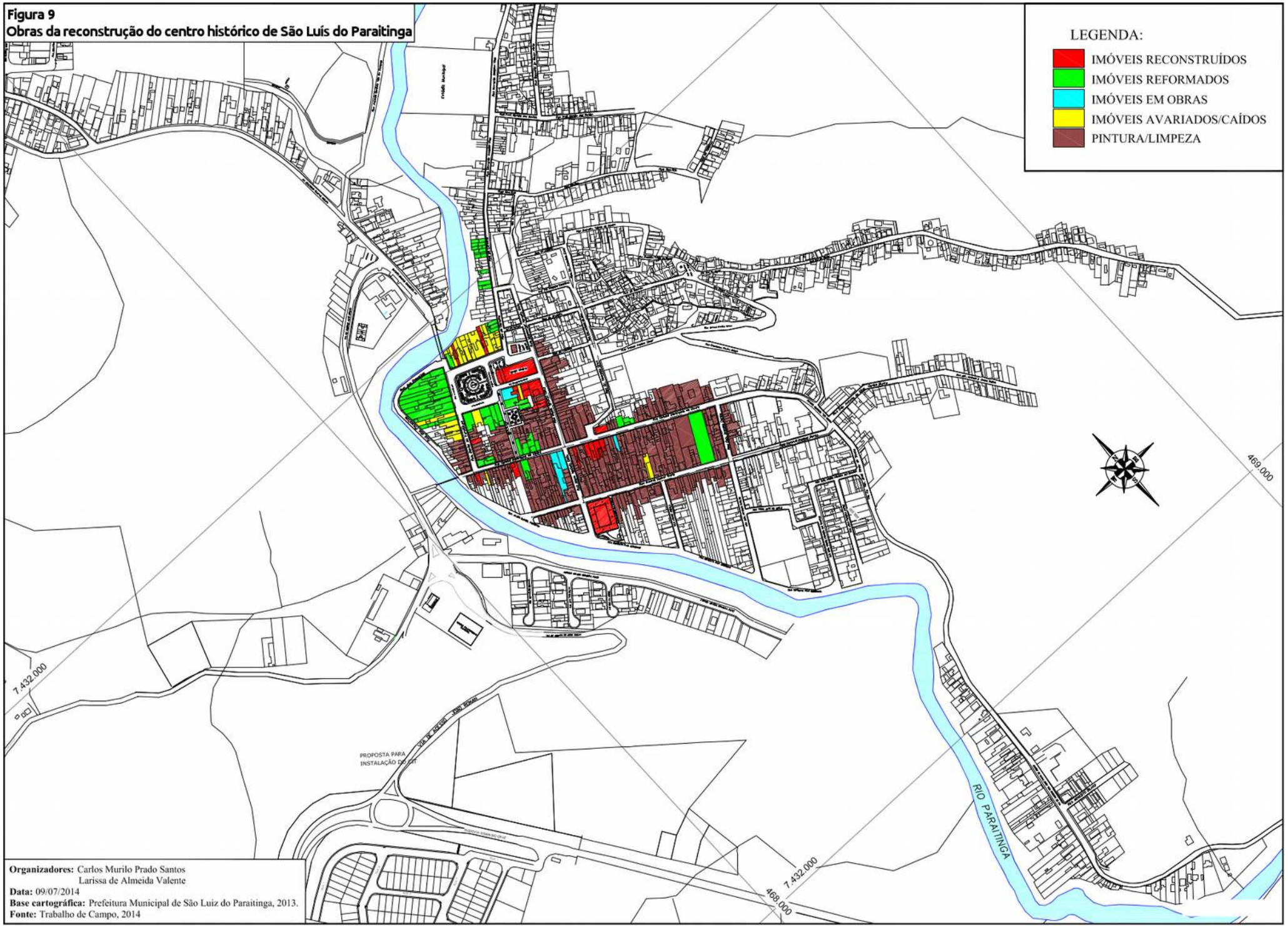
Fonte: Coleção Hélio Parahytinga. Organizado por Carlos Murilo Prado Santos, 2015.

Com relação aos imóveis que sofreram avarias, surgiu uma contradição na cidade, já que as regras têm sido mais flexíveis para os prédios públicos em detrimento dos imóveis privados. Em entrevistas com a população local, é perceptível o descontentamento com os rumos dados à reconstrução de São Luiz. Segundo Marcelo Henrique dos Santos Toledo, 50 anos, historiador e morador local,

> os arquitetos responsáveis pelo IPHAN e pelo CONDEPHAAT que deram a maior parte dos projetos, inclusive na casa da minha mãe exigiram que fosse igual, só autorizaram para ela fazer alguma coisa no fundo, levou mais de um ano e dez meses (...). Na questão do prédio da escola (antigo Grupo Escolar), aquilo lá é uma aberração. A forma está fora da linha da calçada, colocaram uma garagem embaixo, tiraram o calçamento de pedra que tinha ali e aí o CONDEPHAAT autorizou. O IPHAN não fez absolutamente nada e o Conselho de Patrimônio Histórico que tem aqui em São Luiz, que poderia fazer alguma coisa, não se manifestou e não fez nada, então, essa questão incentiva várias pessoas a não quererem fazer também.

Pela situação apresentada, percebe-se que uma tecnocracia ainda permeia as políticas de preservação do patrimônio, sendo a população pouco ouvida com relação as ações e estratégias adotadas. A participação pouco efetiva da população no processo de orientação técnica faz com que grupos sociais criem fortes resistências aos processos e normas de preservação.

Figura 9
Obras da reconstrução do centro histórico de São Luís do Paraitinga



Organizadores: Carlos Murilo Prado Santos
Larissa de Almeida Valente
Data: 09/07/2014
Base cartográfica: Prefeitura Municipal de São Luiz do Paraitinga, 2013.
Fonte: Trabalho de Campo, 2014

Durante a reconstrução da Igreja Matriz, houve uma participação mais efetiva da população na definição da obra a ser realizada e, após um consenso entre as instituições de preservação e a população local, ficou acordado que a igreja seria exatamente igual à que desabou. Como a Mitra Diocesana de Taubaté e o CONDEPHAAT tinham realizado levantamentos métricos arquitetônicos detalhados do prédio, a Igreja Matriz foi reinaugurada no dia 17 de maio de 2014, quatro anos após a sua queda, e voltou a compor a paisagem urbana do núcleo urbano central da cidade[11].

Ao pensar a reconstrução por um viés espacial, principalmente a partir de 2010, aponta-se uma significativa atuação dos órgãos de preservação como um importante agente de produção do espaço de São Luiz do Paraitinga, pois estes órgãos, com suas posturas e normas de preservação, se transformaram na régua mestra que vem conduzindo a reconstrução da cidade.

Não podem ser desprezadas as possibilidades de melhorias no centro urbano advindas com a reconstrução destes espaços, melhorando-os para o uso da população local e do turista. Porém, deve-se ficar atento para que estas ações não causem bruscas transformações nas práticas socioespaciais do lugar, desmantelando ainda mais seu patrimônio cultural já em estágio delicado de preservação.

Com as obras de reconstrução realizadas na cidade, melhorias na infraestrutura urbana são visíveis, principalmente as relacionadas à contenção de encostas e taludes, uma melhora significativa na sinalização turística e nos equipamentos de lazer, com a construção do Parque Linear (centro poliesportivo) e da Praça de Eventos João Antônio César (João Boy). As escolas públicas foram reformadas, um novo prédio foi erguido para a escola Monsenhor Ignácio Gióia, bem como se deu a construção de uma nova biblioteca pública.

Um novo conjunto habitacional também foi construído, o que reduziu significativamente o déficit de moradias na cidade e retirou cerca de 150 famílias de áreas de risco de inundação e/ou desabamento. Destaca-se que foram realizadas poucas ações para a prevenção de inundações. As obras realizadas até o momento para evitar que elas atinjam o centro urbano em suas partes mais baixas se tratam de medidas emergenciais de desobstrução da calha do rio, realizando-se apenas o desassoreamento e o alargamento das margens nas áreas mais delicadas e

11 Destaca-se que a obra de reconstrução da Igreja Matriz foi orçada inicialmente em R$13,1 milhões, tendo um acréscimo de aproximadamente 30% e sendo finalizada com um custo total de R$ 17 milhões. Informações da Prefeitura Municipal de São Luís do Paraitinga, 2014.

estranguladas e aumentando provisoriamente a vazão do rio em momentos de cheias[12].

Em uma visita de campo realizada no dia 03/09/2016, foi verificado que ocorreram poucas mudanças na reconstrução no centro histórico. Desde 2014, após a reconstrução da Igreja Matriz, apenas um casarão na Praça Oswaldo Cruz foi recuperado, sendo que os demais continuam avariados, conforme mapeado na Figura 9. Com relação ao casarão que está caído na Praça Oswaldo Cruz, em conversas informais com o proprietário, ele apontou problemas com a aprovação do projeto pelos órgãos de preservação e falta de recursos financeiros para a execução da obra.

Destaca-se também que algumas obras importantes vêm sendo realizadas no município, como a colocação da fiação elétrica do Centro Histórico no subsolo e a construção de uma nova rua nas margens do Rio Paraitinga, uma rua para passeio de pedestres, porém com interrupções constantes. Com as mudanças políticas que vêm ocorrendo no Brasil após a confirmação de um golpe de Estado, com a deposição da Presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, as mudanças no Ministério da Cultura e, consequentemente no IPHAN, um forte processo de desmonte das políticas para a cultura levou muitas obras a serem paralisadas.

Percebe-se também que, mesmo após a criação da Casa do Patrimônio do Vale do Paraíba, a presença de técnicos do IPHAN na cidade é inconstante e pouco perceptível. A ação da Casa do Patrimônio do Vale do Paraíba em São Luiz do Paraitinga ficou restrita a duas oficinas de capacitação profissional: a oficina de implementação da casa, em setembro de 2014; e uma oficina sobre educação patrimonial, realizada em fevereiro de 2015. Desde então, nenhuma outra ação foi desenvolvida na cidade.

A inclusão no Programa de Apoio e Folguedos do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP) não resultou em ações mais efetivas na cidade. Em 2011, o CNFCP realizou o encontro "São Luiz do Paraitinga: Conversando sobre Patrimônio Imaterial", que abordou as políticas e práticas de preservação do patrimônio no Brasil, momento em que foi apresentado o resultado de uma pesquisa etnográfica realizada com as companhias de moçambiques e congadas do Vale do Paraíba, e que resultou na produção de um documentário intitulado "Foi

12 Em janeiro de 2016, o rio Paraitinga ficou cheio e atingiu o centro urbano local, fato que já tinha ocorrido nos verões de 2015 e 2014. Segundo a Defesa Civil Municipal, na cheia de janeiro de 2016, o rio chegou a cinco metros acima do seu nível normal, alagando diversas ruas, atingindo 54 casas e desalojando, aproximadamente, 150 pessoas.

São Benedito que me trouxe aqui". Desde então, o CNFCP não realizou nenhuma ação mais expressiva na cidade.

Considerações finais

Ao pautar a reconstrução e a reorganização do espaço local nos valores estéticos do patrimônio e da cidade, as ações e políticas desenvolvidas pelo poder público estão sendo direcionadas às áreas com maior concentração de bens tombados e de maior interesse do setor turístico, fato que, no longo prazo, comprometeu a preservação do patrimônio e as possíveis melhorias na qualidade de vida da população local. O processo de reconstrução e refuncionalização precisam estar pautados na preservação do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga enquanto prática social e não enquanto recurso econômico para o desenvolvimento turístico.

Seguindo a política patrimonial vigente no Brasil desde suas origens, pautada na valorização estética do patrimônio cultural, São Luiz do Paraitinga teve seu patrimônio tombado e passou a enfrentar todos os dilemas decorrentes da patrimonialização. A preservação enquanto prática da cidadania ficou relegada ao plano secundário, predominando uma visão mercadológica de refuncionalização turística do patrimônio preservado. Com todas as ações desenvolvidas pelo IPHAN e pelo CONDEPHAAT, não se deve perder de vista que a política de preservação brasileira, seguindo a lógica global de patrimonialização, é predominantemente fachadista, pautada em critérios estético-estilísticos que alteram ou destroem os símbolos contidos nos espaços das cidades contemporâneas. O universo simbólico da população local, alterado em função da preservação ou da modernização, pode incorrer no seu lado oposto, isto é, descaracterizar lugares com sociabilidades peculiares e exclusivas.

Dentro do processo de patrimonialização da cidade, a reconstrução foi pautada na colocação do centro histórico em evidência, de modo a criar uma paisagem atrativa para o desenvolvimento do turismo na cidade. Tais processos são dinâmicos e merecem acompanhamento constante. As contradições presentes na relação entre a preservação do patrimônio, a renovação urbana, os valores culturais e sociais e os valores econômicos fazem parte das escolhas e conflitos políticos inerentes à patrimonialização. São estas questões que deixam evidenciado o descompasso entre a reconstrução e a preservação do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga.

Referências

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano:* novos escritos sobre as cidades. São Paulo: Edições Eletrônica LABUR, 2007.

____. *A Condição Espacial.* São Paulo: Contexto, 2011.

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO, ARQUEOLÓGICO E TURÍSTICO DO ESTADO (CONDEPHAAT). *Relatório de situação: São Luiz do Paraitinga*. São Paulo: CONDEPHAAT/UPPH, 2010.

COSTA, Everaldo Batista; SCARLATO, Francisco Capuano. Uma teoria geográfica para a análise da produção socioespacial nas cidades históricas turísticas. *Revista Geografar (UFPR),* v. 3, p. 34-58, 2008.

GOMES, Luiz Antônio; GRAMANI, Marcelo Fischer. *Relatório de vistoria técnica*. São Paulo: IPT, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Dossiê São Luiz do Paraitinga.* São Paulo: Ministério da Cultura/ IPHAN, 2010.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelhos das Cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MOTTA, Lia. A apropriação do patrimônio urbano: do estético-estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES, Antônio Augusto. *O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, p. 256-286, 2000.

PAES, Maria Tereza Duarte. Urbanização Turística: um novo nexo entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini.; PAES-LUCHIARI, Maria Tereza Duarte. (Org.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo.* Campinas: Papirus, p.105-130, 2000.

____. São Luiz do Paraitinga (São Paulo, Brasil) – o patrimônio cultural brasileiro em reconstrução. In: IGLESIAS, María Carolina Casals (Org.). *Patrimonio turístico en Iberoamérica:* experiencias de investigación, desarrollo e innovación. 1ª Ed.. Santiago: Ediciones Universidad Central de Chile/ Instituto del Patrimonio Turístico/ Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Paisaje, v. 01, p. 19-32, 2011.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanchez; MOROZ, Isabel Cristina. *Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo* (1:500.000). Vol. I – Mapa – Vol. II - Livro. São Paulo: FAPESP, v.1, 1997.

SANTOS. Carlos Murilo Prado. *O reencantamento das cidades:* tempo e espaço na memória do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga. Dissertação (Mestrado em Geografia). UNICAMP, Campinas, 2006.

____. *A modernização do passado:* a reconstrução e a refuncionalização do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga. Tese (Doutorado em Geografia). USP, São Paulo, 2015.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria da Cultura. *São Luiz do Paraitinga:* revitalização do Centro Histórico. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1982.

ZUKIN, Sharon. Paisagens pós-modernas urbanas: mapeando cultura e poder. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* Brasília, n. 24, p. 205-219, 1996.

Sobre o autor

Carlos Murilo Prado Santos: Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Instituto Taubaté de Ensino Superior (ITES). Trabalha com os seguintes temas: preservação, planejamento urbano, espaço urbano, patrimônio cultural e desenvolvimento econômico.

* * *

ABSTRACT

Memories and urban forms: the reconstruction of the urban center of São Luiz do Paraitinga and the preservation of their cultural heritage

The article in question is an analysis of the reconstruction process of the urban center of São Luiz do Paraitinga, thinking reconstruction from the production of city spaces in its entirety. Founded in 1769, São Luiz do Paraitinga has a significant architectural ensemble listed by IPHAN and CONDEPHAAT, composed of a set of buildings that date back to the nineteenth and early twentieth centuries, and a series of cultural events that refer to the Paulista hick memory. Being located in the Serra do Mar, at January 2010 the city had its historic center flooded by the waters of River Paraitinga, which led to the destruction of a number of properties and listed buildings located in the lower parts of the city center. From a spatial reading, after seven years of reconstruction, there are some notes made about the methods and techniques used by the Brazilian organs for preservation adopted in the city and the impacts on the local space production process.

KEYWORDS: São Luiz do Paraitinga; Reconstruction; Cultural heritage; Preservation; Space Production.

RESUMEN

Los recuerdos y las formas urbanas: la reconstrucción del centro urbano de São Luiz do Paraitinga y la preservación de su patrimonio cultural

El artículo en cuestión es un análisis del proceso de reconstrucción del centro urbano de Sao Luiz do Paraitinga, pensando en la reconstrucción de la producción de espacios de la ciudad en su totalidad. Fundada en 1769, Sao Luiz do Paraitinga tiene un conjunto significativo de arquitectura enumerado por el IPHAN y el CONDEPHAAT, compuesto por un conjunto de edificios que datan de los siglos XIX y XX, y una serie de eventos culturales que hacen referencia a la memoria del cateto Paulista. Al estar situado en la Serra do Mar, en enero de 2010 la ciudad tenía su centro histórico inundado por las aguas del Río Paraitinga, lo que llevó a la destrucción de un número de propiedades y edificios protegidos, ubicados en las partes más bajas del centro de la ciudad. A partir de una lectura espacial, después de siete años de reconstrucción, se hacen algunas notas acerca de los métodos y técnicas utilizados por órganos de preservación brasileños, adoptados en la ciudad, y los impactos en el proceso de producción del espacio local.

PALABRAS CLAVE: São Luiz do Paraitinga, Reconstrucción; Patrimonio Cultural; Preservación; Producción Espacio.